



## Lisbon Forum 2017

### INTERCONNECTING PEOPLE

Managing migration, avoiding populism, building inclusive societies and reinforcing North-South dialogue

1-2 June 2017

Ismaili Centre, Lisbon

*Press Review*

Towards Strengthened Democratic Governance in the Southern Mediterranean

Funded  
by the European Union



COUNCIL OF EUROPE



Implemented  
by the Council of Europe

# Summary

## Portugal

### Lusa

1. Migrações e populismo em debate hoje e sexta-feira em Lisboa em encontro do Centro Norte-Sul – 01/06/2017
2. MNE contraria populistas e diz que problemas atuais exigem "respostas complexas" – 01/06/2017
3. Conselho da Europa avisa que migrantes estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos – 01/06/2017
4. Combate ao populismo exige "escolhas difíceis que são necessárias" - Conselho da Europa – 01/06/2017
5. Convenção do Conselho da Europa contra tráfico de bens é aberta a todo o mundo – 01/06/2017
6. No futuro poderão existir mais 200 milhões de refugiados devido às alterações climáticas - ONG grega – 01/06/2017
7. Ativista grega saúda "coragem" de Portugal em acolher crianças refugiadas não acompanhadas – 01/06/2017
8. Diplomacia preventiva é instrumento essencial – Alto Representante da Aliança das Civilizações – 01/06/2017
9. Migrações não são desastre, mas condição de desenvolvimento da Europa – Governo – 02/06/2017

### Diário de Notícias

10. Argélia vai tornar-se 21.º membro do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa – 28/05/2017
11. Diretor do Centro Norte-Sul lamenta falta de liderança na crise dos refugiados – 28/05/2017
12. Migrações e populismo em debate hoje e sexta-feira em Lisboa em encontro do Centro Norte-Sul – 01/06/2017
13. MNE contraria populistas e diz que problemas atuais exigem "respostas complexas" – 01/06/2017
14. Migrações são "condição de desenvolvimento" para Europa, não um desastre – 02/06/2017

15. Conselho da Europa avisa que migrantes estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos - 01 /06/2017

#### Observador

16. Fórum Lisboa 2017: Combate ao populismo exige "escolhas difíceis que são necessárias" – 01/06/2017

17. Santos Silva contraria populistas e diz que problemas atuais exigem “respostas complexas” – 01/06/2017

18. Refugiados podem chegar aos 200 milhões nos próximos anos – 01/06/2017

#### Tvi24

19. Migrantes estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos – 01/06/2017

#### Portugal.gov

20. «Migrações não são um problema, são uma condição de desenvolvimento» – 01/06/2017

### **South**

#### Quid

21. L’expérience marocaine en matière de gestion de la migration exposée au forum de Lisbonne – 02/06/2017

#### Journal Liberté

22. Quels remèdes pour la migration clandestine ? – 04/06/2017

#### Algeria Press Service

23. North-South Dialogue: Algeria committed to contributing to Dialogue’s strengthening – 04/06/2017

#### El Moudjahid

24. Dialogue Nord-Sud : Faire face aux défis – 05/06/2017

## Portugal

Lusa

# Migrações e populismo em debate hoje e sexta-feira em Lisboa em encontro do Centro Norte-Sul

**Número de Documento:** 22462154

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 05:32 (LUSA)**

**Temas:** Política, Diplomacia, Migrações, sistemas políticos, Organizações internacionais, Crises

Lisboa, 01 jun (Lusa) - A resposta à crise das migrações e o combate ao populismo são temas em debate hoje e sexta-feira no Fórum Lisboa, uma iniciativa do **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa, que contará com quase 200 participantes de 52 países.

O tema da 23.ª edição do Fórum Lisboa é "Interligando as pessoas", com quatro painéis de debate: Gerir as migrações; Evitar o populismo; Construir sociedades inclusivas e Reforçar o diálogo Norte-Sul.

O objetivo do encontro é "tratar quatro temas interligados, tendo presente sempre o bem-estar e o futuro do ser humano e a sua interdependência" num mundo global, disse à Lusa António Gamito, diretor executivo do **Centro Norte-Sul**, organismo do Conselho da Europa, com sede em Lisboa.

A abertura do Fórum Lisboa, que decorre no Centro Ismaili, cabe ao ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, e à secretária-geral adjunta do Conselho da Europa, Gabriella Battaini-Dragnoni.

Durante o dia, serão debatidas as migrações, o populismo e sociedades inclusivas, com intervenções de governantes e responsáveis de organismos internacionais e organizações da sociedade civil, como o ministro delegado para os Negócios Estrangeiros de Marrocos, Abdelkrim Benatiq, a fundadora da organização de apoio aos refugiados Metadrasi, a grega Lora Pappa, ou o alto representante da Aliança das Civilizações das Nações Unidas, Nassir Abdulaziz Al-Nasser.

Na sexta-feira, os participantes discutirão o reforço do diálogo entre o norte e o sul, com a participação do presidente da Assembleia Parlamentar do Mediterrâneo, António Roque Oliveira, do diretor-geral da cooperação com a União Europeia e as Instituições Europeias na Direção Geral da Europa, Ali Mokrani, bem como de Piero Fassino, membro do Congresso de Autoridades Locais e Regionais, porta-voz sobre as temáticas da parceria do Sul do Mediterrâneo.

O encerramento do encontro ficará a cargo do ministro-adjunto do primeiro-ministro, Eduardo Cabrita, e do presidente do comité executivo do **Centro Norte-Sul**, Jean Marie Heydt.

Criado em 1989, o **Centro Norte-Sul**, com 20 Estados-membros, pretende promover o diálogo e a cooperação do Conselho da Europa com as suas regiões vizinhas, privilegiando abordagens integradas e abrangentes com a participação ativa das instituições e da sociedade civil, em particular dos países da margem sul do Mediterrâneo.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, integrando 47 Estados, incluindo todos os países europeus, à exceção do Cazaquistão, Bielorrússia e Vaticano.

O **Centro Norte-Sul** tem atualmente 20 Estados-membros, a que se juntará em breve a Argélia.

JH // EL

Lusa/fim

--

## **MNE contraria populistas e diz que problemas atuais exigem "respostas complexas" (C/ ÁUDIO E VÍDEO)**

**Número de Documento:** 22465715

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 12:59 (LUSA)**

**Temas:** Diplomacia, governo, Organizações internacionais

Lisboa, 01 jun (Lusa) - O ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, contrariou hoje o discurso populista de que os problemas atuais têm soluções simples, defendendo antes que exigem "respostas complexas", diálogo e cooperação.

"Os populistas acreditam que os nossos problemas podem ser resolvidos com fórmulas. Não, eles apenas podem ser resolvidos com diálogo e cooperação. Os populistas pensam que problemas complexos podem ter soluções simples. Não é verdade. Eles precisam do nosso trabalho, do nosso esforço para conhecer a história de uns e de outros, reconhecer autoridade e comunicar entre nós. Exigem respostas complexas", considerou o chefe da diplomacia portuguesa.

Santos Silva comentou ainda que os políticos populistas "pensam que as instituições podem ser postas de parte, mas as instituições são o verdadeiro centro da nossa vida em comum".

O governante intervinha na abertura do Fórum Lisboa 2017, organizado pelo **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa, que tem este ano como tema "Interligando as Pessoas - Gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo Norte-Sul".

"Os valores democráticos, o Estado de Direito, a democracia, a qualidade das instituições, o empoderamento das mulheres, a educação dos mais novos - estas são as receitas contra o populismo, radicalização, e, no fim, contra o terrorismo", sustentou.

No seu discurso, o chefe da diplomacia portuguesa enalteceu o papel do **Centro Norte-Sul**, sediado em Lisboa, que atua "num ambiente multilateral, com uma abordagem de baixo para cima", na "promoção do diálogo e partilha da responsabilidade que cabe a todos, de contribuir para interligar as pessoas e evitar o populismo".

"Pela sua história e pela sua identidade, os portugueses são um povo com um grande sentido dos valores universais e com uma tendência para ser uma ponte entre geografias e culturas", defendeu, considerando que a capital portuguesa é "uma boa localização para a estrutura do Conselho da Europa dedicada ao diálogo entre o Norte e o Sul".

Santos Silva lançou o desafio para que o **Centro Norte-Sul** "estenda a sua cooperação para olhar novamente para a África subsaariana".

O organismo tem 20 membros, incluindo países que fazem parte do Conselho da Europa, além do Vaticano e, ainda, da margem sul do Mediterrâneo, Marrocos, Tunísia e Cabo Verde, e, em breve, Argélia.

"É uma estrutura única onde o Norte e o Sul se encontram em pé de igualdade e discutem desafios comuns, onde promovemos a solidariedade, onde criamos parcerias, onde desenvolvemos a interdependência, numa palavra, onde nós aprofundamos os nossos laços", referiu.

O ministro português sublinhou que o **Centro Norte-Sul** "deve merecer mais apoio, especialmente dos Estados-membros do Conselho da Europa".

Na abertura dos trabalhos do Fórum Lisboa, que decorrem até sexta-feira, o diretor executivo do **Centro Norte-Sul**, António Gamito, sustentou a necessidade de um trabalho em conjunto "para gerir as migrações, para prevenir o crescimento dos movimentos populistas anti-imigração, para promover sociedades inclusivas que respeitam a diversidade cultural e para reforçar o diálogo entre Norte e Sul".

Nazim Ahmad, representante da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento - que acolhe o encontro de dois dias - também elogiou a abertura de Portugal.

"Portugal é reconhecidamente um dos países que mais facilmente integra comunidades de diferentes origens, credos e culturas, é um dos países mais abertos a receber imigrantes, a integrá-los, a ajudá-los e reconstruir as suas vidas", sustentou.

JH // FPA

Lusa/fim

--

## **Conselho da Europa avisa que migrantes estão protegidos pela**

# Convenção Europeia dos Direitos Humanos

**Número de Documento:** 22465953

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 13:34 (LUSA)**

**Temas:** Diplomacia, Direitos humanos, Refugiados, Organizações internacionais, Crises

Lisboa, 01 jun (Lusa) - A secretária-geral adjunta do Conselho da Europa advertiu hoje em Lisboa que os migrantes que cheguem a qualquer um dos 47 países desta organização estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos, elogiando Portugal pelo acolhimento de refugiados.

"A partir do momento em que qualquer pessoa põe um pé em território de um dos nossos Estados-membros, essa pessoa está coberta pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos", sustentou Gabriella Battaini-Dragoni, intervindo na abertura do Fórum Lisboa 2017.

O encontro de dois dias, a decorrer no Centro Ismaili de Lisboa, é organizado pelo **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa, e tem este ano como tema "Interligando as Pessoas - Gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo Norte-Sul".

"Não cabe ao Conselho da Europa regular os fluxos migratórios. Mas onde as políticas migratórias de países-membros tiverem implicações nos direitos humanos, então o nosso papel é claro", sublinhou a responsável.

Dirigindo-se ao ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, a secretária-geral adjunta do Conselho da Europa disse: "Em Portugal, devem estar orgulhosos da vossa abordagem".

"Quando os migrantes [aqui] chegam, não são detidos nem ficam à espera. Eles recebem alojamento rapidamente e de forma eficiente em todo o país e a sua integração é bem gerida", referiu.

Battaini-Dragoni comentou que Portugal tem tido um fluxo de migrantes "mais leve que outros países", reconhecendo que, em alguns Estados europeus, "a proporção é quase esmagadora".

Mas, avisou, "mesmo quando os números são elevados, os termos da convenção europeia devem ser aplicados".

A representante do Conselho da Europa afirmou que a Europa e o resto do mundo "vivem tempos fragmentados pela xenofobia e islamofobia, nacionalismo e populismo, terrorismo e medo, pobreza e dificuldade económica".

O Conselho da Europa, anunciou, vai estabelecer o combate à islamofobia como uma prioridade no programa de atividades para os próximos dois anos.

Não há uma "solução rápida" para promover a confiança e compreensão na sociedade e para colmatar as divisões, mas a resposta passa pela prevenção da discriminação, a garantia dos direitos sociais para todos e não apenas para as minorias e uma educação para a cidadania democrática, o respeito pelos direitos culturais e o diálogo intercultural, salientou.

JH // FPA

Lusa/fim

--

# Combate ao populismo exige "escolhas difíceis que são necessárias" - Conselho da Europa

**Número de Documento:** 22467111

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 15:58 (LUSA)**

**Temas:** Política, sistemas políticos, Organizações internacionais

Lisboa, 01 jun (Lusa) - O combate ao populismo pode exigir "escolhas difíceis que são necessárias" como reformas democráticas das instituições, garantir "os essenciais controlos sobre o poder executivo" ou apoiar a sociedade civil, defendeu hoje em Lisboa a secretária-geral adjunta do **Conselho da Europa**.

"Evitar o populismo exige aos Estados que olhem para si mesmos, de uma forma prolongada e dura. Os seus líderes devem estar dispostos a fazer as escolhas difíceis que são necessárias. Isso pode querer dizer reformas democráticas das instituições nacionais, ou garantir os essenciais controlos sobre o poder executivo, ou apoiar a sociedade civil ou garantir a liberdade de imprensa", sustentou Gabriella Battaini-Dragnoni, no primeiro dia de trabalhos do Fórum Lisboa 2017, em que a resposta ao populismo é um dos temas em debate.

Para o **Conselho da Europa**, acrescentou, este trabalho "também significa encontrar formas de construir sociedades inclusivas no contexto das migrações e da retórica populista".

Questionada pela Lusa sobre qual é a intervenção do **Conselho da Europa**, uma organização com 47 Estados-membros, Battaini-Dragnoni explicou que a atuação passa por, por exemplo, "avisar os populistas que estão a alterar a Constituição e isso não é bom".

"Não é só uma conversa. Explicamos quais são as medidas que devem adotar para garantir que o sistema judicial vai funcionar bem e permanecer independente ou que as comissões eleitorais independentes vão continuar a trabalhar para garantir alternativas para o populismo. Explicamos que a democracia é baseada em sistemas de verificações e se começarmos a modificar as regras, então estamos a ameaçar a democracia", referiu.

Por outro lado, o **Conselho da Europa** dialoga com várias entidades, incluindo os políticos não populistas, a quem incentivam a "reagir contra estes fenómenos" e a ter "uma voz forte" no parlamento e nas diferentes instituições.



A secretária-geral adjunta indicou que os três pilares da democracia - parlamento, sistema judicial e Governo - devem ser independentes uns dos outros e falar entre si.

"Se este diálogo não é possível porque há correntes populistas, então as organizações internacionais têm um papel muito importante em recordar os países sobre o que devem fazer ou não", sustentou.

Além deste "diálogo legal sobre Estado de direito, democracia e direitos humanos", há decisões de órgãos do **Conselho da Europa** - Tribunal Europeu dos Direitos Humanos e a Carta Social Europeia - que o Estado é obrigado a aplicar.

"O populismo é um apelo a queixas generalizadas entre a população que pretende excluir outras vozes. Os populistas reclamam estar a falar em nome do povo, e estão preparados para desmontar os sistemas de verificação que se colocam no seu caminho. Podem colocar em questão a legitimidade do sistema judicial e, em último caso, os direitos humanos, a democracia e Estado de direito", referiu.

Para a responsável, o aumento das migrações "foi o combustível", mas "o oxigénio" resulta de uma combinação de fatores.

"O populismo cresce quando um grande número de cidadãos está privado de oportunidades, quando perdeu a confiança nas suas instituições, quando as minorias não foram eficazmente integradas nas sociedades mais alargadas", mencionou.

A 23.ª edição do Fórum Lisboa junta durante dois dias quase 200 representantes de 52 países para debater as migrações, o crescimento do populismo, a construção de sociedades inclusivas e o reforço do diálogo entre o Norte e o Sul.

JH // EL

Lusa/fim

--

# Convenção do Conselho da Europa contra tráfico de bens é aberta a todo o mundo

**Número de Documento:** 22466913

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 15:28 (LUSA)**

**Temas:** Artes, Cultura e Entretenimento, Crime, lei e justiça, Organizações internacionais

Lisboa, 01 jun (Lusa) - A convenção do **Conselho da Europa** contra o tráfico de antiguidades, de que Portugal é um dos primeiros subscritores, pode ser assinada por qualquer país do mundo, disse à Lusa a secretária-geral adjunta.

Em maio, seis países do **Conselho da Europa**, entre os quais Portugal, aprovaram uma convenção que pretende prevenir o tráfico e destruição de antiguidades, e que são uma forma de financiamento de grupos terroristas e criminosos.

Em entrevista à Lusa, a secretária-geral adjunta do **Conselho da Europa**, Gabriella Battaini-Dragoni, explicou que esta convenção permite "completar o puzzle" em matéria de tráfico de bens culturais, juntando-se a outras convenções internacionais, por pela primeira vez penalizar o tráfico ilícito de bens culturais.

O acordo define várias infrações penais, tais como escavações ilegais, importação e exportação de antiguidades roubadas e a sua aquisição ilegal, colocando mais pressão sobre os potenciais compradores, que passam a ter de garantir a legalidade da origem dos bens.

"Faltava intervir através da lei, criminalizando este tipo de situações", explicou a responsável da organização, que hoje participou na abertura do Fórum Lisboa 2017.

Para Battaini-Dragoni, a convenção "vai ter efeitos positivos para todos os tipos de artefactos, no futuro", mas era necessária agora para "lutar contra o financiamento do Daesh [acrónimo árabe que designa o grupo extremista Estado Islâmico], que mostra imagens de destruição de bens culturais, mas que também vende estes bens em mercados de tráfico".

Uma convenção que "é feita por europeus, mas não apenas para europeus" e que "está aberta de forma imediata a todos os países no mundo".

A 23.ª edição do Fórum Lisboa junta durante dois dias quase 200 representantes de 52 países para debater as migrações, o crescimento do populismo, a construção de sociedades inclusivas e o reforço do diálogo entre o Norte e o Sul.

JH // EL

Lusa/fim

--

## **No futuro poderão existir mais 200 milhões de refugiados devido às alterações climáticas - ONG grega**

**Número de Documento:** 22466751

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 15:49 (LUSA)**

**Temas:** Polícia, Política, ONG, Refugiados, Migrações, imigrantes ilegais, União Europeia

Lisboa, 01 jun (Lusa) – Uma ativista e especialista em questões migratórias admitiu hoje que nos próximos anos poderão existir mais 200 milhões de refugiados devido às contínuas alterações climáticas e sem instrumentos internacionais para os proteger.

“Para além dos atuais 300 milhões de refugiados no mundo, nos próximos anos haverá outros 200 milhões, que serão refugiados climáticos. E não existem instrumentos internacionais para os proteger. A Convenção de Genebra não inclui os refugiados climáticos, mas eles também vão morrer, porque o clima muda”, considerou em declarações à Lusa Lora Pappa, fundadora e presidente da Ação para Migração e Desenvolvimento (Metadrasi, uma organização não governamental grega fundada em 2010).

A ativista grega, laureada em 2015 com o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa, confrontou-se com a realidade dos incontroláveis fluxos migratórios em 2015 e 2016 entre as costas da Turquia e a Grécia, que baixaram radicalmente na sequência do “acordo UE-Turquia” de março de 2016, e que lhe mereceu muitas críticas.

“É mais uma declaração, não é um acordo... e foi feito numa situação de pânico, o que não é positivo. Perdemos a ocasião, enquanto UE, de apoiar a Turquia, de melhorar o sistema de proteção”, considerou.

“Caso a Turquia desse alguns passos nesse sentido, poderíamos estabelecer um acordo. Mas estávamos em pânico, fizemos esse suposto acordo, é verdade que o fluxo migratório diminuiu, mas em simultâneo aumentaram as redes de traficantes na Grécia e na Europa”, acrescentou a responsável da Metadrasi, que participou hoje no painel “Gerir as Migrações”, no primeiro dia do 23.º Fórum Lisboa do **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa.

A iniciativa, sob o tema “Interligando as pessoas: gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo norte-sul”, decorre até sexta-feira no Centro Ismaili da Rede de Desenvolvimento Aga Khan.

O falhanço no combate às redes de traficantes, após o fluxo migratório ter sido desviado para o Mediterrâneo central a partir de meados de 2016, e a linguagem difusa dos responsáveis políticos também são aspetos decisivos para a ativista grega.

“Seria importante que os políticos falassem honestamente às pessoas. Não é possível travar este fluxo. Continuamos a propagar o conto de fadas de que é possível parar o fluxo migratório. E existe aqui uma escolha difícil: que a prioridade consista em travar, por qualquer meio, um caminho muito perigoso para a democracia, ou enfrentar esta realidade”.

Ainda numa referência ao acordo com a Turquia, que entre diversas medidas prevê o repatriamento de indocumentados ou de migrantes a quem foi recusado o pedido de asilo, Lora Pappa alertou para a formação de “zonas-tampão” em Estados com “inúmeros problemas”, incluindo em “pequenos países” como a Jordânia, o Líbano, mesmo a Grécia”.

“Com estas políticas, criam-se “zonas-tampão, e não é seguro que esses políticos escolham entre o seu futuro político ou em proteger os refugiados”, admitiu.

“Pensam nos resultados das próximas eleições, e intensificarem-se as expulsões de refugiados, mesmo para os seus países de origem onde a sua vida está em perigo, ou afastá-los cada vez para mais longe, e ignorar os movimentos dos traficantes. É um caminho muito perigoso para a Europa”, concluiu.

PCR // EL

Lusa/Fim

--

# Ativista grega saúda “coragem” de Portugal em acolher crianças refugiadas não acompanhadas

**Número de Documento:** 22466961

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 16:04 (LUSA)**

**Temas:** Política, imigrantes ilegais, crianças, Guerras e Conflitos, União Europeia

Lisboa, 01 jun (Lusa) – A responsável por uma ONG grega vocacionada para as migrações congratulou-se hoje com a coragem das autoridades portuguesas ao decidirem acolher crianças não acompanhadas, em consonância com os valores da Europa.

“É preciso coragem. Saúdo as autoridades portuguesas, porque os outros países têm medo das opiniões públicas. Mas digo que não se deve ter medo dessas pessoas. Têm uma cultura diferente, mas Portugal possui uma longa história de integração, e o modelo de integração que aplica é muito positivo”, referiu à Lusa Lora Pappa, fundadora e presidente da Ação para Migração e Desenvolvimento (Metadrasi, uma ONG grega fundada em 2010).

“É muito positivo que as autoridades portuguesas colaborem com as ONG, a sociedade civil. Em consequência, foi possível transferir cinco menores para Portugal, onde chegaram há um mês, mesmo que a gestão de menores não seja a mais fácil de gerir”, prosseguiu a ativista grega, laureada em 2015 com o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa.

A responsável da Metadrasi participou hoje no painel “Gerir as Migrações, no primeiro dia do 23º Fórum Lisboa do **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa, sob o tema “Interligando as pessoas: gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo norte-sul” e que decorre até sexta-feira no Centro Ismaili da Rede de Desenvolvimento Aga Khan.

Em 2016, no decurso da entrega oficial do Prémio Norte-Sul, Lora Pappa contactou em Lisboa com responsáveis governamentais portugueses durante uma “visita de protocolo”, e expôs a questão das crianças não acompanhadas.

“Não direi que são crianças especiais, mas diferentes. Passaram por muitas situações, por experiências muito traumáticas, e era necessária uma abordagem”, assinalou.

“É importante dizer que Portugal [com o seu exemplo] abriu as portas a outras crianças não acompanhadas”, frisou a ativista.

Em consequência dos grandes fluxos migratórios em 2015 e 2016, existem na Grécia 2.500 crianças refugiadas que estão sós, por vários motivos, por terem perdido os pais, por não saberem onde estão, por terem sido abandonadas.

Na Grécia, e com “imenso esforço”, foram garantidos centros de acolhimento em diversas regiões do país para estas crianças, acompanhadas por 50 tutores e que, em colaboração com os procuradores gregos, se ocupam do seu quotidiano, vão conhecendo a sua história pessoal, e tentam perceber se têm familiares refugiados espalhados por outros países europeus.

No entanto, Lora Pappa alerta para a necessidade de prosseguir “lentamente” com este projeto, em particular perceber “se a integração está a resultar”, apesar de não duvidar que as autoridades portuguesas pretendem continuar “solidárias” face a este problema.

“Estou orgulhosa de Portugal, são precisos mais políticos que defendam os valores da Europa”, disse ainda.

PCR // FPA

Lusa/Fim

--

# Diplomacia preventiva é instrumento essencial – Alto Representante da Aliança das Civilizações

**Número de Documento:** 22467868

**Lisboa, Portugal 01/06/2017 18:59 (LUSA)**

**Temas:** Política, Diplomacia, relações internacionais, Organizações internacionais, Diálogo interreligioso, Guerras e Conflitos, Crises

Lisboa, 01 jun (Lusa) – O Alto Representante da Aliança das Civilizações da ONU considerou hoje a diplomacia preventiva como um instrumento essencial para abordar os grandes problemas do mundo, porque o recurso exclusivo ao poder militar deixou de funcionar.

“Quando foi formada em 2005, a Aliança detetou quatro áreas decisivas: educação, migração, ‘media’ e juventude. Hoje, se olharmos à volta, todos os problemas surgem destes quatro pilares. E temos de nos dirigir a estas questões, e encontrar soluções”, referiu à Lusa Nassir Abdulaziz al-Nasser, natural do Qatar e atual Alto Representante da Aliança das Civilizações das Nações Unidas.

“Para isso será necessária uma ação coletiva, e não apenas dos governos, que não podem trabalhar sozinhos. Precisamos da intervenção dos líderes religiosos, sociedades civis, ‘media’, e organizações internacionais. É o único caminho”, frisou Nassir al-Nasser, que participou esta tarde no painel “Construir

sociedades inclusivas”, no primeiro dia do 23.º Fórum Lisboa do **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa.

Na perspetiva do diplomata, o único caminho para abordar o atual estado do mundo e reforçar do diálogo implica a “criação de uma nova ferramenta, a diplomacia preventiva, e em que está focado o atual secretário-geral da ONU, António Guterres”.

Este novo mecanismo de diplomacia preventiva permitirá, como considerou, abordar e trabalhar as situações que originam problemas, destacando a atração que os grupos ‘jihadistas’ exercem sobre uma faixa considerável da juventude de muitos países, incluindo na Europa.

“Há razões: falta de educação, pobreza, não estarem incluídos na sociedade... E assistimos a fluxos migratórios de jovens vindos de todo o mundo, alguns mesmo que frequentaram boas escolas na Europa mas que perderam a sua identidade. Estão em busca da sua identidade. Talvez indo combater se descubram a si próprios, da sua importância”, admitiu.

O Alto Representante sublinhou a importância dos ‘media’ neste contexto, que “têm de assumir uma função positiva” e a necessidade de “trabalhar de forma coletiva, porque não é um problema europeu, não é apenas um problema do Médio Oriente, é um problema mundial”.

Numa abordagem aos atuais conflitos, que se estendem do Afeganistão e Filipinas ao Mali, Nassir al-Nasser também questionou a exclusiva utilização da força militar.

“Hoje, a utilização exclusiva do poder militar já não funciona. A ação militar tem de ser acompanhada por instrumentos de ‘soft power’ [poder suave, de convencimento]. Caso contrário, não funciona”, disse o dirigente da Aliança das Civilizações, que resultou de uma iniciativa proposta pelo ex-primeiro-ministro de Espanha, José Luis Zapatero na 59.ª Assembleia geral da ONU em 2005, copatrocinada pelo então chefe do governo turco e atual Presidente, Recep Tayyip Erdogan.

“Assim, necessitamos de diálogo, para nos tentarmos entender mesmo que não concordemos com tudo, e mesmo entre inimigos. Numa guerra existem canais para o diálogo, talvez um dia possam resolver esses problemas”, vaticinou, antes de assinalar a magia que o diálogo pode conter.

“Se não houver diálogo a situação colapsa, o diálogo é uma palavra mágica. Temos de ensinar a nossa sociedade, os nossos filhos, e promover nas escolas a cultura da paz... O mundo de hoje já não é tão grande como dantes, vivemos numa aldeia global e todos nos tocamos. Por isso temos de encontrar soluções, a forma de podermos dialogar para resolver os problemas que enfrentamos”, sustentou.

O 23.º Fórum Lisboa decorre até sexta-feira no Centro Ismaili da Rede de Desenvolvimento Aga Khan sob o tema “Interligando as pessoas: gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo norte-sul”.

PCR // EL

Lusa/Fim

--

# Migrações não são desastre, mas condição de desenvolvimento da Europa - Governo (C/ ÁUDIO)

**Número de Documento:** 22472111

**Lisboa, Portugal 02/06/2017 14:48 (LUSA)**

**Temas:** Diplomacia, Refugiados, Organizações internacionais, imigração

Lisboa, 02 jun (Lusa) - O ministro adjunto do primeiro-ministro, Eduardo Cabrita, defendeu hoje que as migrações "não são um problema nem um desastre", mas antes "uma condição de desenvolvimento" para a Europa, confrontada com o envelhecimento demográfico.

"O continente europeu, que hoje vive problemas demográficos profundos e que está confrontado com um quadro de envelhecimento significativo nas próximas décadas, deve ver numa gestão global das migrações um desafio e uma condição de subsistência do modelo social europeu", sustentou o governante, no encerramento do Fórum Lisboa 2017, um encontro de dois dias promovido pelo **Centro Norte-Sul** do Conselho da Europa.

As migrações, sublinhou, "não são um problema, não são um desastre", mas antes "para países como Portugal, como para a generalidade dos países europeus, uma condição de desenvolvimento, uma condição de manutenção daquela que é a riqueza da zona em que mais de 500 milhões de pessoas partilham o espaço, que é um espaço de inovação, de cosmopolitismo, de esperança".

Cabrita referiu que todos os estudos internacionais, de organismos como o Banco Mundial, OCDE ou Comissão Europeia, consideram que as migrações "são globalmente economicamente positivas".

"Muitos lutaram durante décadas para que a Europa não tivesse muros, queremos que não volte a ter novos muros", salientou.

Para tal, é fundamental promover o diálogo entre o norte e o sul, mas também do sul entre si do norte entre si.

"Nestes tempos difíceis, em que somos confrontados com dúvidas sobre temas que julgávamos adquiridos, quando vemos conquistas recentes, como o acordo de Paris, serem postos em causa e em dúvida, é nestes momentos que mais ativamente e concertadamente temos de afirmar o papel central do diálogo do Mediterrâneo, do diálogo Norte/Sul e do papel da Europa na construção deste espaço aberto de cooperação, de desenvolvimento e de solidariedade", disse o ministro, numa referência à decisão dos Estados Unidos de abandonarem o acordo sobre alterações climáticas.

Eduardo Cabrita mencionou que os países do norte de África são cada vez mais países de trânsito, mas também de destino de migrantes, advogando que "uma gestão equilibrada e segura dos fluxos migratórios" passa pela "aposta no desenvolvimento dos países de origem".

O governante deixou depois um apelo para que a Europa, "um grande espaço de liberdade e solidariedade", perceba que a solução dos seus desafios internos é "uma relação ativa de vizinhança com os países do sul", que são "parceiros no diálogo norte-sul".

No mesmo sentido, o presidente do comité executivo do **Centro Norte-Sul**, Jean Marie Heydt, realçou a necessidade de reforçar o diálogo entre as duas margens do Mediterrâneo, mas alertou para a necessidade de alargar os participantes.

"Este diálogo não pode ser reduzido ao noroeste e sul. Tem de ser alargado ao norte, e isso significa noroeste e nordeste, e todo os 'sules', no plural", considerou, avisando: "Se não o fizermos, veremos que não haverá perspetivas futuras para a nossa população, incluindo os nossos jovens, e isso conduz à radicalização".

O diálogo, referiu, deve ter uma "abordagem vertical" e integrar investimento, relações económicas, recursos energéticos, educação, ambiente e os aspetos migratórios.

"É essencial perceber que o Mediterrâneo é um ponto de diálogo. Temos de ter as ferramentas para reforçar este diálogo entre o norte e o sul", afirmou, destacando o papel do **Centro Norte-Sul** - sediado em Lisboa - como um "importante instrumento de cooperação multilateral do Conselho da Europa para a política de vizinhança".

A 23.ª edição do Fórum Lisboa junta durante dois dias quase 200 representantes de 52 países para debater as migrações, o crescimento do populismo, a construção de sociedades inclusivas e o reforço do diálogo entre o Norte e o Sul.

O encontro decorreu, como é habitual, no Centro Ismaili de Lisboa, da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento, organização que decidiu alargar o financiamento ao **Centro Norte-Sul** por mais dois anos, anunciou hoje o diretor executivo do Centro, António Gamito.

Segundo o representante da Rede Aga Khan, Nazim Ahmad, a organização financiou o funcionamento do **Centro Norte-Sul** em 150 mil euros, nos últimos três anos, e vai agora contribuir com mais 100 mil euros até 2019.

JH // FPA

Lusa/fim

--

## **Diário de Notícias**

<http://www.dn.pt/lusa/interior/argelia-vai-tornar-se-21o-membro-do-centro-norte-sul-do-conselho-da-europa-8513184.html>

# **Argélia vai tornar-se 21.º membro do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa**



28/05/2017

A Argélia vai aderir nos próximos dias ao Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, uma organização cujos membros, europeus e africanos, partilham "ideias e princípios", mas que ainda tem um longo caminho a percorrer, disse o diretor executivo.

O secretário-geral do Centro Norte-Sul "já seguiu para a Argélia" e só falta a resposta de confirmação das autoridades argelinas, disse à Lusa o diretor executivo do organismo, António Gamito, que estimou que a adesão deste país deverá ocorrer até ao início de junho.

"Ter o Magrebe todo dá uma força enorme ao Centro Norte-Sul e projeta muito a sua presença, no contexto da política de vizinhança do Conselho da Europa, sobretudo para o sul", sustentou o diplomata, em entrevista à Lusa a propósito da atribuição do prémio Norte-Sul 2016, na próxima quarta-feira, e da realização do Fórum Lisboa, na quinta e sexta-feira.

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade Diário de Notícias.

A Argélia será o 21.º país a aderir a esta organização, cuja sede é em Lisboa, depois das entradas recentes da Bulgária, Tunísia e aBósnia-Herzegovina.

"Estamos a caminho de 21, mas já fomos mais de 30. Ainda temos um longo caminho a percorrer para recuperar o terreno que perdemos por duas razões: a própria má gestão do Centro e pela perda de valor daquilo que o Centro hoje representa", sustentou António Gamito.

O embaixador, que lidera o Centro Norte-Sul desde setembro de 2016, comentou que já fez "71 diligências" junto de membros do Conselho da Europa.

No entanto, o diretor executivo ressaltou que não pretende a adesão de alguns Estados do Conselho da Europa -- que não identificou -- porque "se eles entrassem iam pôr em causa a coesão e coerência da atividade do centro".

"O que hoje temos é um conjunto de países que partilham as mesmas ideias e os mesmos princípios, quase todos os mesmos valores, e que permitem ao Centro ter uma coerência, uma coesão e uma capacidade de ação. Se trouxéssemos cá para dentro países com outros valores e outros interesses, talvez pudéssemos perder essa unidade de ação que o Centro tem hoje", defendeu.

António Gamito garante que o Centro Norte-Sul "trabalha e fala" com todos os países.

O responsável destacou que este organismo tem "um valor reforçado" no contexto europeu, mediterrâneo e africano.

"No contexto europeu, sobretudo, os nacionalismos, os movimentos antiglobalização e anti-interdependência e muito dessas teorias que vários governos em países europeus estão a pôr em prática contendem radicalmente com o que o Centro defende", sustentou.

O Centro, salientou, "defende exatamente o oposto: a livre circulação de pessoas, a interdependência, a solidariedade entre pessoas, a criação de parcerias".

"Nós estamos do lado certo da História. Defendemos a interdependência, estamos preocupados com as pessoas e em transmitir três coisas fundamentais: capacitar os jovens, em termos de participação democrática; ajudar o empoderamento das mulheres, equilibrando o género, num trabalho com a sociedade civil, de baixo para cima; e finalmente, trabalhar através de processos de educação global, formando formadores para que eles possam intervir nas respetivas áreas de atuação e na sociedade civil", disse.

O Centro Norte-Sul iniciou a sua atividade em 1990 com o objetivo de estabelecer plataformas de diálogo, em matéria de interdependência e solidariedade, com regiões situadas fora do continente europeu, no quadro da "política de vizinhança" do Conselho da Europa.

Podem fazer parte membros do Conselho da Europa, mas também não membros. Atualmente, compõem o Centro Norte-Sul Andorra, Azerbaijão, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Cabo Verde, Croácia, Chipre, Espanha, Grécia, Vaticano, Liechtenstein, Luxemburgo, Malta, Marrocos, Montenegro, Portugal, Roménia, San Marino, Sérvia e Tunísia.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, com 47 Estados-membros, incluindo todos os países da União Europeia.

--

<http://www.dn.pt/lusa/interior/diretor-do-centro-norte-sul-lamenta-falta-de-lideranca-na-crise-dos-refugiados-8513174.html>

## **Diretor do Centro Norte-Sul lamenta falta de liderança na crise dos refugiados**

28/05/2017

O diretor executivo do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, o português António Gamito, considerou hoje que "há falta de liderança e de vontade política" para responder à crise dos refugiados que procuram países europeus.

"Há dinheiro. Há é falta de liderança e de vontade política" para resolver o problema, sobretudo por parte da União Europeia, que tem um peso mais executivo, disse à Lusa o responsável do organismo do Conselho da Europa, a propósito da realização do Fórum Lisboa 2017, nas próximas quinta e sexta-feira.

Gerir as migrações é um dos temas em debate no Fórum Lisboa, um encontro anual que reúne em Portugal responsáveis políticos e representantes de organizações de vários países do Centro Norte-Sul.

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade Diário de Notícias.

A edição deste ano tem como tema "Interligando as Pessoas" e pretende discutir, em quatro painéis, a crise das migrações, como evitar o populismo, a construção de sociedades inclusivas e o reforço do diálogo entre o Norte e o Sul.

"A ideia do Centro Norte-Sul foi, com base naquilo que é o ser humano, tratar quatro temas interligados, tendo presente sempre o bem-estar e o futuro do ser humano e a sua interdependência" num mundo global, disse à Lusa o diretor executivo.

Sobre as migrações, António Gamito defende que a Europa precisa de acolher migrantes, até do ponto de vista demográfico.

"Há uns que defendem que precisamos de uma migração loira de olhos azuis, outros defendem precisamente o contrário. Se olharmos para a história, vemos que os movimentos migratórios na Europa têm vindo de vários lados, em várias épocas, e isto é mais um momento", comentou.

Para o diplomata, "ostracizar e maltratar migrantes, em particular refugiados que fogem de guerra e de perseguição, é absolutamente hediondo".

António Gamito assinalou as discrepâncias de posições de países europeus na resposta à crise dos refugiados.

"A Alemanha recebeu um milhão de refugiados. Não entrou um único na Dinamarca, na Polónia, na Hungria. Como é que aquela repartição que o Conselho Europeu fez pode ser executada, se uns recebem, como Portugal e outros países, e outros se recusam terminantemente?", questionou, defendendo que é preciso haver "vontade política" e "convencer as sociedades de acolhimento" dos benefícios de acolher os migrantes.

Mas, alertou, este é "um trabalho muito complicado, muito difícil".

"Os europeus têm de se pôr de acordo em como tratar e lidar com esta matéria. A Europa já devia estar num estado de desenvolvimento bem mais avançado, mas não está", considerou.

Os nacionalismos, acrescentou, "foram exacerbados pela economia, com uma clara divisão entre o norte e o sul, e agora pela emigração, em que é clara a discussão entre norte e sul e entre leste e oeste".

"A União Europeia e o Conselho da Europa são organizações que têm meios, mecanismos e soluções para este tipo de problemas. Como são organizações, uma supranacional e outra intergovernamental, chocam com a vontade dos Estados", referiu, avisando que os países devem "aceitar as decisões que são tomadas", sob pena de permanecerem "problemas enormes, com refugiados com condições inacreditáveis".

O Centro Norte-Sul, salientou, tem a "mais-valia" de representar os países do sul do Mediterrâneo junto da Europa, além de "trabalhar com a sociedade civil para dar cumprimento às decisões".

O Fórum Lisboa decorre, como habitualmente, no Centro Ismaili e terá, na sessão de abertura, na quinta-feira, a participação da secretária-geral adjunta do Conselho da Europa, Gabriella Battaini-Dragoni, e do ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva.

O encerramento, na sexta-feira, será presidido pelo presidente do comité executivo do Centro Norte-Sul, Jean-Marie Heydt, e pelo ministro-adjunto do primeiro-ministro, Eduardo Cabrita.

--

<http://www.dn.pt/lusa/interior/migracoes-e-populismo-em-debate-hoje-e-sexta-feira-em-lisboa-em-encontro-do-centro-norte-sul-8523687.html>

## **Migrações e populismo em debate hoje e sexta-feira em Lisboa em encontro do Centro Norte-Sul**

01/06/2017

**A resposta à crise das migrações e o combate ao populismo são temas em debate hoje e sexta-feira no Fórum Lisboa, uma iniciativa do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, que contará com quase 200 participantes de 52 países.**

O tema da 23.<sup>a</sup> edição do Fórum Lisboa é "Interligando as pessoas", com quatro painéis de debate: Gerir as migrações; Evitar o populismo; Construir sociedades inclusivas e Reforçar o diálogo Norte-Sul.

O objetivo do encontro é "tratar quatro temas interligados, tendo presente sempre o bem-estar e o futuro do ser humano e a sua interdependência" num mundo global, disse à Lusa António Gamito, diretor executivo do Centro Norte-Sul, organismo do Conselho da Europa, com sede em Lisboa.

A abertura do Fórum Lisboa, que decorre no Centro Ismaili, cabe ao ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, e à secretária-geral adjunta do Conselho da Europa, Gabriella Battaini-Dragoni.

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade Diário de Notícias.

Durante o dia, serão debatidas as migrações, o populismo e sociedades inclusivas, com intervenções de governantes e responsáveis de organismos internacionais e organizações da sociedade civil, como o ministro delegado para os Negócios Estrangeiros de Marrocos, Abdelkrim Benatiq, a fundadora da organização de apoio aos refugiados Metadrasi, a grega Lora Pappa, ou o alto representante da Aliança das Civilizações das Nações Unidas, Nassir Abdulaziz Al-Nasser.

Na sexta-feira, os participantes discutirão o reforço do diálogo entre o norte e o sul, com a participação do presidente da Assembleia Parlamentar do Mediterrâneo, António Roque Oliveira, do diretor-geral da cooperação com a União Europeia e as Instituições Europeias na Direção Geral da Europa, Ali Mokrani, bem como de Piero Fassino, membro do Congresso de Autoridades Locais e Regionais, porta-voz sobre as temáticas da parceria do Sul do Mediterrâneo.

O encerramento do encontro ficará a cargo do ministro-adjunto do primeiro-ministro, Eduardo Cabrita, e do presidente do comité executivo do Centro Norte-Sul, Jean Marie Heydt.

Criado em 1989, o Centro Norte-Sul, com 20 Estados-membros, pretende promover o diálogo e a cooperação do Conselho da Europa com as suas regiões vizinhas, privilegiando abordagens integradas e abrangentes com a participação ativa das instituições e da sociedade civil, em particular dos países da margem sul do Mediterrâneo.

Fundado a 05 de maio de 1949, o Conselho da Europa é a mais antiga instituição europeia em funcionamento, integrando 47 Estados, incluindo todos os países europeus, à exceção do Cazaquistão, Bielorrússia e Vaticano.

O Centro Norte-Sul tem atualmente 20 Estados-membros, a que se juntará em breve a Argélia.

--

<http://www.dn.pt/lusa/interior/mne-contraria-populistas-e-diz-que-problemas-atuais-exigem-respostas-complexas-8524897.html>

## **MNE contraria populistas e diz que problemas atuais exigem "respostas complexas"**

01/06/2017

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, contrariou hoje o discurso populista de que os problemas atuais têm soluções simples, defendendo antes que exigem "respostas complexas", diálogo e cooperação.

"Os populistas acreditam que os nossos problemas podem ser resolvidos com fórmulas. Não, eles apenas podem ser resolvidos com diálogo e cooperação. Os populistas pensam que problemas complexos podem ter soluções simples. Não é verdade. Eles precisam do nosso trabalho, do nosso esforço para conhecer a história de uns e de outros, reconhecer autoridade e comunicar entre nós. Exigem respostas complexas", considerou o chefe da diplomacia portuguesa.

Santos Silva comentou ainda que os políticos populistas "pensam que as instituições podem ser postas de parte, mas as instituições são o verdadeiro centro da nossa vida em comum".

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade Diário de Notícias.

O governante intervinha na abertura do Fórum Lisboa 2017, organizado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, que tem este ano como tema "Interligando as Pessoas - Gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo Norte-Sul".

"Os valores democráticos, o Estado de Direito, a democracia, a qualidade das instituições, o empoderamento das mulheres, a educação dos mais novos - estas são as receitas contra o populismo, radicalização, e, no fim, contra o terrorismo", sustentou.

No seu discurso, o chefe da diplomacia portuguesa enalteceu o papel do Centro Norte-Sul, sediado em Lisboa, que atua "num ambiente multilateral, com uma abordagem de baixo para cima", na "promoção do diálogo e partilha da responsabilidade que cabe a todos, de contribuir para interligar as pessoas e evitar o populismo".

"Pela sua história e pela sua identidade, os portugueses são um povo com um grande sentido dos valores universais e com uma tendência para ser uma ponte entre geografias e culturas", defendeu, considerando que a capital portuguesa é "uma boa localização para a estrutura do Conselho da Europa dedicada ao diálogo entre o Norte e o Sul".

Santos Silva lançou o desafio para que o Centro Norte-Sul "estenda a sua cooperação para olhar novamente para a África subsaariana".

O organismo tem 20 membros, incluindo países que fazem parte do Conselho da Europa, além do Vaticano e, ainda, da margem sul do Mediterrâneo, Marrocos, Tunísia e Cabo Verde, e, em breve, Argélia.

"É uma estrutura única onde o Norte e o Sul se encontram em pé de igualdade e discutem desafios comuns, onde promovemos a solidariedade, onde criamos parcerias, onde desenvolvemos a interdependência, numa palavra, onde nós aprofundamos os nossos laços", referiu.

O ministro português sublinhou que o Centro Norte-Sul "deve merecer mais apoio, especialmente dos Estados-membros do Conselho da Europa".

Na abertura dos trabalhos do Fórum Lisboa, que decorrem até sexta-feira, o diretor executivo do Centro Norte-Sul, António Gamito, sustentou a necessidade de um trabalho em conjunto "para gerir as migrações, para prevenir o crescimento dos movimentos populistas anti-imigração, para promover sociedades inclusivas que respeitam a diversidade cultural e para reforçar o diálogo entre Norte e Sul".

Nazim Ahmad, representante da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento - que acolhe o encontro de dois dias - também elogiou a abertura de Portugal.

"Portugal é reconhecidamente um dos países que mais facilmente integra comunidades de diferentes origens, credos e culturas, é um dos países mais abertos a receber imigrantes, a integrá-los, a ajudá-los e reconstruir as suas vidas", sustentou.

--

## **Conselho da Europa avisa que migrantes estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos**

DN

A secretária-geral adjunta do Conselho da Europa advertiu hoje em Lisboa que os migrantes que cheguem a qualquer um dos 47 países desta organização estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos, elogiando Portugal pelo acolhimento de refugiados.

"A partir do momento em que qualquer pessoa põe um pé em território de um dos nossos Estados-membros, essa pessoa está coberta pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos", sustentou Gabriella Battaini-Dragoni, intervindo na abertura do Fórum Lisboa 2017.

O encontro de dois dias, a decorrer no Centro Ismaili de Lisboa, é organizado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, e tem este ano como tema "Interligando as Pessoas - Gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo Norte-Sul".

"Não cabe ao Conselho da Europa regular os fluxos migratórios. Mas onde as políticas migratórias de países-membros tiverem implicações nos direitos humanos, então o nosso papel é claro", sublinhou a responsável.

Dirigindo-se ao ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, a secretária-geral adjunta do Conselho da Europa disse: "Em Portugal, devem estar orgulhosos da vossa abordagem".

"Quando os migrantes [aqui] chegam, não são detidos nem ficam à espera. Eles recebem alojamento rapidamente e de forma eficiente em todo o país e a sua integração é bem gerida", referiu.

Battaini-Dragoni comentou que Portugal tem tido um fluxo de migrantes "mais leve que outros países", reconhecendo que, em alguns Estados europeus, "a proporção é quase esmagadora".

Mas, avisou, "mesmo quando os números são elevados, os termos da convenção europeia devem ser aplicados".

A representante do Conselho da Europa afirmou que a Europa e o resto do mundo "vivem tempos fragmentados pela xenofobia e islamofobia, nacionalismo e populismo, terrorismo e medo, pobreza e dificuldade económica".

O Conselho da Europa, anunciou, vai estabelecer o combate à islamofobia como uma prioridade no programa de atividades para os próximos dois anos.

Não há uma "solução rápida" para promover a confiança e compreensão na sociedade e para colmatar as divisões, mas a resposta passa pela prevenção da discriminação, a garantia dos direitos sociais para todos e não apenas para as minorias e uma educação para a cidadania democrática, o respeito pelos direitos culturais e o diálogo intercultural, salientou.

--

<http://www.dn.pt/portugal/interior/migracoes-nao-sao-desastre-mas-condicao-de-desenvolvimento-da-europa---governo-8528918.html>

## **Migrações são "condição de desenvolvimento" para Europa, não um desastre**





02/06/2017

### **Ministro adjunto do primeiro-ministro lembrou os "problemas demográficos profundos" que o continente europeu enfrenta**

O ministro adjunto do primeiro-ministro, Eduardo Cabrita, defendeu hoje que as migrações "não são um problema nem um desastre", mas antes "uma condição de desenvolvimento" para a Europa, confrontada com o envelhecimento demográfico.

"O continente europeu, que hoje vive problemas demográficos profundos e que está confrontado com um quadro de envelhecimento significativo nas próximas décadas, deve ver numa gestão global das migrações um desafio e uma condição de subsistência do modelo social europeu", sustentou o governante, no encerramento do Fórum Lisboa 2017, um encontro de dois dias promovido pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa. As migrações, sublinhou, "não são um problema, não são um desastre", mas antes "para países como Portugal, como para a generalidade dos países europeus, uma condição de desenvolvimento, uma condição de manutenção daquela que é a riqueza da zona em que mais de 500 milhões de pessoas partilham o espaço, que é um espaço de inovação, de cosmopolitismo, de esperança".

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade Diário de Notícias.

Cabrita referiu que todos os estudos internacionais, de organismos como o Banco Mundial, OCDE ou Comissão Europeia, consideram que as migrações "são globalmente economicamente positivas".

"Muitos lutaram durante décadas para que a Europa não tivesse muros, queremos que não volte a ter novos muros", salientou.

Para tal, é fundamental promover o diálogo entre o norte e o sul, mas também do sul entre si do norte entre si.

"Nestes tempos difíceis, em que somos confrontados com dúvidas sobre temas que julgávamos adquiridos, quando vemos conquistas recentes, como o acordo de Paris, serem postos em causa e em dúvida, é nestes momentos que mais ativamente e concertadamente temos de afirmar o papel central do diálogo do Mediterrâneo, do diálogo Norte/Sul e do papel da Europa na construção deste espaço aberto de cooperação, de desenvolvimento e de solidariedade", disse o ministro, numa referência à decisão dos Estados Unidos de abandonarem o acordo sobre alterações climáticas.

Eduardo Cabrita mencionou que os países do norte de África são cada vez mais países de trânsito, mas também de destino de migrantes, advogando que "uma gestão equilibrada e segura dos fluxos migratórios" passa pela "aposta no desenvolvimento dos países de origem".

O governante deixou depois um apelo para que a Europa, "um grande espaço de liberdade e solidariedade", perceba que a solução dos seus desafios internos é "uma relação ativa de vizinhança com os países do sul", que são "parceiros no diálogo norte-sul".

No mesmo sentido, o presidente do comité executivo do Centro Norte-Sul, Jean Marie Heydt, realçou a necessidade de reforçar o diálogo entre as duas margens do Mediterrâneo, mas alertou para a necessidade de alargar os participantes.

"Este diálogo não pode ser reduzido ao noroeste e sul. Tem de ser alargado ao norte, e isso significa noroeste e nordeste, e todo os 'sules', no plural", considerou, avisando: "Se não o fizermos, veremos que não haverá perspectivas futuras para a nossa população, incluindo os nossos jovens, e isso conduz à radicalização".

O diálogo, referiu, deve ter uma "abordagem vertical" e integrar investimento, relações económicas, recursos energéticos, educação, ambiente e os aspetos migratórios.

"É essencial perceber que o Mediterrâneo é um ponto de diálogo. Temos de ter as ferramentas para reforçar este diálogo entre o norte e o sul", afirmou, destacando o papel do Centro Norte-Sul - sediado em Lisboa - como um "importante instrumento de cooperação multilateral do Conselho da Europa para a política de vizinhança".

A 23.ª edição do Fórum Lisboa junta durante dois dias quase 200 representantes de 52 países para debater as migrações, o crescimento do populismo, a construção de sociedades inclusivas e o reforço do diálogo entre o Norte e o Sul.

O encontro decorreu, como é habitual, no Centro Ismaili de Lisboa, da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento, organização que decidiu alargar o financiamento ao Centro Norte-Sul por mais dois anos, anunciou hoje o diretor executivo do Centro, António Gamito.

Segundo o representante da Rede Aga Khan, Nazim Ahmad, a organização financiou o funcionamento do Centro Norte-Sul em 150 mil euros, nos últimos três anos, e vai agora contribuir com mais 100 mil euros até 2019.

--

**Observador**

<http://observador.pt/2017/06/01/combate-ao-populismo-exige-escolhas-dificeis-que-sao-necessarias/>

## **Fórum Lisboa 2017: Combate ao populismo exige "escolhas difíceis que são necessárias"**

01/06/2017

O combate ao populismo pode exigir "escolhas difíceis que são necessárias" como reformas democráticas das instituições, garantir "os essenciais controlos sobre o poder executivo" ou apoiar a sociedade civil, defendeu hoje em Lisboa a secretária-geral adjunta do Conselho da Europa.



“Evitar o populismo exige aos Estados que olhem para si mesmos, de uma forma prolongada e dura. Os seus líderes devem estar dispostos a fazer as escolhas difíceis que são necessárias. Isso pode querer dizer reformas democráticas das instituições nacionais, ou garantir os essenciais controlos sobre o poder executivo, ou apoiar a sociedade civil ou garantir a liberdade de imprensa”, sustentou Gabriella Battaini-Dragoni, no primeiro dia de trabalhos do Fórum Lisboa 2017, em que a resposta ao populismo é um dos temas em debate.

Para o Conselho da Europa, acrescentou, este trabalho “também significa encontrar formas de construir sociedades inclusivas no contexto das migrações e da retórica populista”.

Questionada pela Lusa sobre qual é a intervenção do Conselho da Europa, uma organização com 47 Estados-membros, Battaini-Dragoni explicou que a atuação passa por, por exemplo, “avisar os populistas que estão a alterar a Constituição e isso não é bom”.

“Não é só uma conversa. Explicamos quais são as medidas que devem adotar para garantir que o sistema judicial vai funcionar bem e permanecer independente ou que as comissões eleitorais independentes vão continuar a trabalhar para garantir alternativas para o populismo. Explicamos que a democracia é baseada em sistemas de verificações e se começarmos a modificar as regras, então estamos a ameaçar a democracia”, referiu.

Por outro lado, o Conselho da Europa dialoga com várias entidades, incluindo os políticos não populistas, a quem incentivam a “reagir contra estes fenómenos” e a ter “uma voz forte” no parlamento e nas diferentes instituições.

A secretária-geral adjunta indicou que os três pilares da democracia – parlamento, sistema judicial e Governo – devem ser independentes uns dos outros e falar entre si.

“Se este diálogo não é possível porque há correntes populistas, então as organizações internacionais têm um papel muito importante em recordar os países sobre o que devem fazer ou não”, sustentou.

Além deste “diálogo legal sobre Estado de direito, democracia e direitos humanos”, há decisões de órgãos do Conselho da Europa – Tribunal Europeu dos Direitos Humanos e a Carta Social Europeia – que o Estado é obrigado a aplicar.

“O populismo é um apelo a queixas generalizadas entre a população que pretende excluir outras vozes. Os populistas reclamam estar a falar em nome do povo, e estão preparados para desmontar os sistemas de verificação que se colocam no seu caminho. Podem colocar em questão a legitimidade do sistema judicial e, em último caso, os direitos humanos, a democracia e Estado de direito”, referiu.

Para a responsável, o aumento das migrações “foi o combustível”, mas “o oxigénio” resulta de uma combinação de fatores.

“O populismo cresce quando um grande número de cidadãos está privado de oportunidades, quando perdeu a confiança nas suas instituições, quando as minorias não foram eficazmente integradas nas sociedades mais alargadas”, mencionou.

A 23.ª edição do Fórum Lisboa junta durante dois dias quase 200 representantes de 52 países para debater as migrações, o crescimento do populismo, a construção de sociedades inclusivas e o reforço do diálogo entre o Norte e o Sul.

--

<http://observador.pt/2017/06/01/santos-silva-contraria-populistas-e-diz-que-problemas-atuais-exigem-respostas-complexas/>

## **Santos Silva contraria populistas e diz que problemas atuais exigem “respostas complexas”**

01/06/2017

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, contrariou o discurso populista de que os problemas atuais têm soluções simples, defendendo antes que exigem "respostas complexas".



Santos Silva comentou ainda que os políticos populistas "pensam que as instituições podem ser postas de parte, mas as instituições são o verdadeiro centro da nossa vida em comum"  
ESTELA SILVA/LUSA

Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, contrariou esta quinta-feira o discurso populista de que os problemas atuais têm soluções simples, defendendo antes que exigem "respostas complexas", diálogo e cooperação.

Os populistas acreditam que os nossos problemas podem ser resolvidos com fórmulas. Não, eles apenas podem ser resolvidos com diálogo e cooperação. Os populistas pensam que problemas complexos podem ter soluções simples. Não é verdade. Eles precisam do nosso trabalho, do nosso esforço para conhecer a história de uns e de outros, reconhecer autoridade e comunicar entre nós. Exigem respostas complexas."

Santos Silva comentou ainda que os políticos populistas "pensam que as instituições podem ser postas de parte, mas as instituições são o verdadeiro centro da nossa vida em comum".

O governante intervinha na abertura do Fórum Lisboa 2017, organizado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, que tem este ano como tema "Interligando as Pessoas – Gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo Norte-Sul".

Os valores democráticos, o Estado de Direito, a democracia, a qualidade das instituições, o empoderamento das mulheres, a educação dos mais novos – estas são as receitas contra o populismo, radicalização, e, no fim, contra o terrorismo."

No seu discurso, o chefe da diplomacia portuguesa enalteceu o papel do Centro Norte-Sul, sediado em Lisboa, que atua “num ambiente multilateral, com uma abordagem de baixo para cima”, na “promoção do diálogo e partilha da responsabilidade que cabe a todos, de contribuir para interligar as pessoas e evitar o populismo”.

**“Pela sua história e pela sua identidade, os portugueses são um povo com um grande sentido dos valores universais e com uma tendência para ser uma ponte entre geografias e culturas”**, defendeu, considerando que a capital portuguesa é “uma boa localização para a estrutura do Conselho da Europa dedicada ao diálogo entre o Norte e o Sul”.

Santos Silva lançou o desafio para que o Centro Norte-Sul “estenda a sua cooperação para olhar novamente para a África subsaariana”.

O organismo tem 20 membros, incluindo países que fazem parte do Conselho da Europa, além do Vaticano e, ainda, da margem sul do Mediterrâneo, Marrocos, Tunísia e Cabo Verde, e, em breve, Argélia.

É uma estrutura única onde o Norte e o Sul se encontram em pé de igualdade e discutem desafios comuns, onde promovemos a solidariedade, onde criamos parcerias, onde desenvolvemos a interdependência, numa palavra, onde nós aprofundamos os nossos laços.”

O ministro português sublinhou que o Centro Norte-Sul “deve merecer mais apoio, especialmente dos Estados-membros do Conselho da Europa”.

Na abertura dos trabalhos do Fórum Lisboa, que decorrem até sexta-feira, o diretor executivo do Centro Norte-Sul, António Gamito, sustentou a necessidade de um trabalho em conjunto “para gerir as migrações, para prevenir o crescimento dos movimentos populistas anti-imigração, para promover sociedades inclusivas que respeitam a diversidade cultural e para reforçar o diálogo entre Norte e Sul”.

Nazim Ahmad, representante da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento – que acolhe o encontro de dois dias – também elogiou a abertura de Portugal: “Portugal é reconhecidamente um dos países que mais facilmente integra comunidades de diferentes origens, credos e culturas, é um dos países mais abertos a receber imigrantes, a integrá-los, a ajudá-los e reconstruir as suas vidas”.

--

<http://observador.pt/2017/06/01/combate-ao-populismo-exige-escolhas-dificeis-que-sao-necessarias/>

## **Refugiados podem chegar aos 200 milhões nos próximos anos**

01/06/2017

Nos próximos anos poderão existir mais 200 milhões de refugiados devido às contínuas alterações climáticas e sem instrumentos internacionais para os proteger, diz analista e especialista em migração.



O falhanço no combate às redes de traficantes e a linguagem difusa dos responsáveis políticos também são aspetos decisivos para a ativista grega  
AARON UFUMELI/EPA

Uma ativista e especialista em questões migratórias admitiu esta quinta-feira que nos próximos anos poderão existir mais 200 milhões de refugiados devido às contínuas alterações climáticas e sem instrumentos internacionais para os proteger.

Para além dos atuais 300 milhões de refugiados no mundo, nos próximos anos haverá outros 200 milhões, que serão refugiados climáticos. E não existem instrumentos internacionais para os proteger. A Convenção de Genebra não inclui os refugiados climáticos, mas eles também vão morrer, porque o clima muda”, considerou em declarações à Lusa Lora Pappa, fundadora e presidente da Ação para Migração e Desenvolvimento (Metadrasi, uma organização não governamental grega fundada em 2010).

A ativista grega, laureada em 2015 com o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa, confrontou-se com a realidade dos incontrolláveis fluxos migratórios em 2015 e 2016 entre as costas da Turquia e a Grécia, que baixaram radicalmente na sequência do “acordo UE-Turquia” de março de 2016, e que lhe merece muitas críticas.

“É mais uma declaração, não é um acordo... e foi feito numa situação de pânico, o que não é positivo. Perdemos a ocasião, enquanto UE, de apoiar a Turquia, de melhorar o sistema de proteção”, considerou.

“Caso a Turquia desse alguns passos nesse sentido, poderíamos estabelecer um acordo. Mas estávamos em pânico, fizemos esse suposto acordo, é verdade que o fluxo migratório diminuiu, mas em simultâneo aumentaram as redes de traficantes na Grécia e na Europa”, acrescentou a responsável da Metadrasí, que participou esta quinta-feira no painel “Gerir as Migrações”, no primeiro dia do 23.º Fórum Lisboa do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa.

A iniciativa, sob o tema “Interligando as pessoas: gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo norte-sul”, decorre até sexta-feira no Centro Ismaili da Rede de Desenvolvimento Aga Khan.

O falhanço no combate às redes de traficantes, após o fluxo migratório ter sido desviado para o Mediterrâneo central a partir de meados de 2016, e a linguagem difusa dos responsáveis políticos também são aspetos decisivos para a ativista grega.

Seria importante que os políticos falassem honestamente às pessoas. Não é possível travar este fluxo. Continuamos a propagar o conto de fadas de que é possível parar o fluxo migratório. E existe aqui uma escolha difícil: que a prioridade consista em travar, por qualquer meio, um caminho muito perigoso para a democracia, ou enfrentar esta realidade”.

Ainda numa referência ao acordo com a Turquia, que entre diversas medidas prevê o repatriamento de indocumentados ou de migrantes a quem foi recusado o pedido de asilo, Lora Pappa alertou para a formação de “zonas-tampão” em Estados com “inúmeros problemas”, incluindo em “pequenos países” como a Jordânia, o Líbano, mesmo a Grécia”.

“Com estas políticas, criam-se “zonas-tampão, e não é seguro que esses políticos escolham entre o seu futuro político ou em proteger os refugiados”, admitiu.

“Pensam nos resultados das próximas eleições, e intensificarem-se as expulsões de refugiados, mesmo para os seus países de origem onde a sua vida está em perigo, ou afastá-los cada vez para mais longe, e ignorar os movimentos dos traficantes. É um caminho muito perigoso para a Europa”, concluiu.

--

**Tvi24**

<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/01-06-2017/migrantes-estao-protegidos-pela-convencao-europeia-dos-direitos-humanos>

## **Migrantes estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos**

01/06/2017



# Garantia foi dada pela secretária-geral adjunta do Conselho da Europa que elogiou Portugal pela "abordagem aos migrantes" quando chegam a território nacional

2017-06-01 14:00 / AM



A secretária-geral adjunta do Conselho da Europa advertiu em Lisboa que os [migrantes](#) que cheguem a qualquer um dos 47 países desta organização estão protegidos pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos, elogiando Portugal pelo acolhimento de refugiados.

*A partir do momento em que qualquer pessoa põe um pé em território de um dos nossos Estados-membros, essa pessoa está coberta pela Convenção Europeia dos Direitos Humanos*", sustentou Gabriella Battaini-Dragoni, intervindo na abertura do Fórum Lisboa 2017.

O encontro de dois dias, a decorrer no Centro Ismaili de Lisboa, é organizado pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, e tem este ano como tema "Interligando as Pessoas - Gerir as migrações, evitar o populismo, construir sociedades inclusivas e reforçar o diálogo Norte-Sul".

*Não cabe ao Conselho da Europa regular os fluxos migratórios. Mas onde as políticas migratórias de países-membros tiverem implicações nos direitos humanos, então o nosso papel é claro*", sublinhou a responsável.

Dirigindo-se ao ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, a secretária-geral adjunta do Conselho da Europa disse: "Em Portugal, devem estar orgulhosos da vossa abordagem".

*Quando os migrantes [aqui] chegam, não são detidos nem ficam à espera. Eles recebem alojamento rapidamente e de forma eficiente em todo o país e a sua integração é bem gerida",* referiu.

Battaini-Dragoni comentou que Portugal tem tido um fluxo de migrantes "mais leve que outros países", reconhecendo que, em alguns Estados europeus, "a proporção é quase esmagadora".

Mas, avisou, "mesmo quando os números são elevados, os termos da convenção europeia devem ser aplicados".

A representante do Conselho da Europa afirmou que a Europa e o resto do mundo "vivem tempos fragmentados pela xenofobia e islamofobia, nacionalismo e populismo, terrorismo e medo, pobreza e dificuldade económica".

O Conselho da Europa, anunciou, vai estabelecer o combate à islamofobia como uma prioridade no programa de atividades para os próximos dois anos.

Não há uma "solução rápida" para promover a confiança e compreensão na sociedade e para colmatar as divisões, mas a resposta passa pela prevenção da discriminação, a garantia dos direitos sociais para todos e não apenas para as minorias e uma educação para a cidadania democrática, o respeito pelos direitos culturais e o diálogo intercultural, salientou.

--

**Portugal.gov**

<http://www.portugal.gov.pt/pt/ministerios/madj/noticias/20170602-madj-migracoes.aspx>

**MIGRAÇÕES «NÃO SÃO UM PROBLEMA, SÃO UMA CONDIÇÃO DE DESENVOLVIMENTO»**

01/06/2017



O Ministro Adjunto, Eduardo Cabrita, afirmou que as migrações «não são um problema, são uma condição de desenvolvimento» para a Europa, no encerramento do Fórum Lisboa 2017, promovido pelo Centro Norte-Sul do Conselho da Europa.

«Para países como Portugal, como para a generalidade dos países europeus, as migrações são uma condição de desenvolvimento, uma condição de manutenção daquela que é a riqueza da zona em que mais de 500 milhões de pessoas partilham o espaço, que é um espaço de inovação, de cosmopolitismo, de esperança», referiu.

Eduardo Cabrita frisou que o continente europeu vive problemas demográficos profundos e está confrontado com um quadro de envelhecimento significativo nas próximas décadas, pelo que «deve ver numa gestão global das migrações um desafio e uma condição de subsistência do modelo social europeu».

O Ministro realçou que os estudos internacionais de organismos como o Banco Mundial, a OCDE ou a Comissão Europeia dizem que as migrações «são globalmente economicamente positivas».

«É nestes momentos que mais ativamente e concertadamente temos de afirmar o papel central do diálogo do Mediterrâneo, do diálogo Norte/Sul e do papel da Europa na construção deste espaço aberto de cooperação, de desenvolvimento e de solidariedade», acrescentou.

O Ministro Adjunto afirmou ainda a necessidade de haver «uma gestão equilibrada dos fluxos migratórios», cujo caminho passa pela «aposta no desenvolvimento dos países de origem».

--

**South**

**Quid**

<http://www.quid.ma/a-la-une/1%E2%80%99experience-marocaine-en-matiere-de-gestion-de-la-migration-exposee-au-forum-de-lisbonne>

# L'expérience marocaine en matière de gestion de la migration exposée au forum de Lisbonne

02/06/2017



Par La Rédaction

Jun 02 à 11h32

**L'expérience marocaine en matière de gestion des flux migratoires à travers notamment les pratiques et les mécanismes mis en place, a été mise en exergue ce jeudi 1er juin à Lisbonne par Nadia Bernoussi, professeur de droit constitutionnel à l'Ecole Nationale d'Administration.**

Intervenant à l'occasion de la 23ème édition du forum de Lisbonne qui se tient sous le thème "Interconnecter les personnes : gérer les migrations, prévenir le populisme, construire des sociétés inclusives et renforcer le dialogue Nord-Sud", Nadia Bernoussi a souligné qu'au Maroc, et au plus haut sommet de l'Etat, il y a une volonté affichée d'avoir une approche humaniste, égalitaire et inclusive pour servir la cause de la migration.

Le royaume, une terre d'émigration devenue une terre de transit et d'immigration, a une tradition d'accueil ancestrale et reconnue depuis longtemps et une identité plurielle amazighe, arabe,

hassanie, africaine, andalouse et hébraïque, qui ont contribué à l'absorption spontanée de migrants venus de pays voisins comme l'Algérie, l'Andalousie, la France et de pays d'Afrique subsaharienne, a-t-elle ajouté.

Elle a relevé que le Maroc dispose d'une position stratégique enviable et vulnérable à la fois, du fait de sa géographie et sa stabilité, soulignant dans ce sens l'importance de reposer la question d'une nouvelle gouvernance migratoire dans laquelle l'approche des droits de l'homme est incontournable.

Après avoir rappelé que Rabat a ratifié une série de conventions internationales sur la migration et adopté en 2011 une Constitution qui a donné une place importante à la migration et à la protection des migrants, Nadia Bernoussi a indiqué que le royaume a ensuite adopté une nouvelle stratégie dans le domaine de la migration et de l'asile. Laquelle stratégie, a-t-elle poursuivi, a permis de lancer en 2014 une première phase de régularisation de migrants ainsi qu'une deuxième phase, en cours actuellement, qui au-delà de la régularisation du migrant lui permet aussi de jouir de ses droits économiques et sociaux, notamment en termes de droits à la santé, à l'emploi et à la formation.

La politique migratoire, lancée par le roi Mohammed VI et accompagnée par les instances constitutionnelles indépendantes et des organisations internationales, est un mouvement d'intégration et de régularisation qui est continu et qui doit être consolidé, a-t-elle ajouté.

Et de conclure que les pays du Nord doivent reposer les questions de l'intégration, de la xénophobie et du populisme alors que ceux du Sud doivent réinterroger leur capacité à mettre en place des politiques publiques pour avoir de la rétention de leur population.

« Le verbe migrer veut dire la liberté de circuler qui est un droit fondamental, qui doit être un choix rationnel et non pas une fuite du désespoir », a-t-elle dit.

Le forum de Lisbonne 2017 qui s'est ouvert lundi en présence notamment de l'ambassadeur du Maroc au Portugal, Karima Benyaich, se penche deux jours durant sur la situation des migrants et des réfugiés, traitée sous différentes perspectives, dans l'objectif de démontrer comment ils peuvent contribuer à promouvoir l'interdépendance, à créer des partenariats et à encourager la solidarité entre le Nord et le Sud.

L'évènement, marqué par la participation d'une importante délégation marocaine composée de parlementaires, d'élus locaux et d'acteurs de la société civile, s'articule autour de quatre panels : "Gérer les migrations", "Eviter le populisme", "Construire des sociétés inclusives" et "Renforcer le dialogue Nord-Sud".

Le forum, organisé chaque année depuis 1994 par le centre Nord-Sud, basé à Lisbonne, est une plateforme reconnue de dialogue, d'échange d'expériences et de bonnes pratiques entre des représentants d'Europe, des régions voisines et d'autres continents.

--

# Quels remèdes pour la migration clandestine ?

04/06/2017



Séance des travaux du forum tenu à Lisbonne. ©D. R.

[Partager](#)

**Pour sa 23e édition, le Centre Nord-Sud a choisi la thématique de la migration sous l'intitulé : "Interconnecter les personnes : gérer les migrations, prévenir le populisme, construire des sociétés inclusives et renforcer le dialogue Nord-Sud".**

Le Forum s'est tenu les 1er et 2 juin au centre Ismaeli de Lisbonne, en présence d'experts, de représentants des gouvernements nationaux, des Parlements, des autorités locales et de la société civile. Une condition pour que ces quatre organes de décision et de propositions soient représentés au sein de chaque délégation. L'Algérie, qui vient juste d'adhérer en tant que membre à part entière, avait auparavant un statut d'observateur (lire encadré).

Dès l'entame des travaux ouverts par Augusto Santos Silva, ministre portugais des Affaires étrangères, le ton est donné pour situer l'importance du problème de la migration comme un des défis de ce siècle, en turbulence. Le ministre a plaidé pour des actions collectives, en faisant participer toutes les parties du Sud et du Nord. Mais avant tout, il faut d'abord apprendre à "se regarder face à face et travailler côte à côte", a-t-il déclaré. La secrétaire générale adjointe du Conseil de l'Europe a, quant à elle, mis l'accent sur le danger que représente le populisme qui a

le vent en poupe, partout en Europe. “Il (le populisme) prend racine et gagne du terrain”, avertit-elle.

Le vivre-ensemble devient difficile face à la montée des nationalismes extrémistes qui ne reconnaissent plus les organes institutionnels des pays et de l’Union européenne. Ces extrémismes sont parfois portés par des gouvernements dans certains pays. Le flux migratoire vers l’Europe, qui s’élève à plus de 3 millions depuis 2015, est devenu une véritable hantise pour les pays d’accueil et une bénédiction pour les partis populistes qui l’utilisent comme fonds de commerce en période électorale.

Le Front national en France en est un exemple patent avec son discours xénophobe et islamophobe. Surfant sur la fragilité d’une partie de la population touchée par la crise économique, le chômage, ces

partis d’extrême droite améliorent leurs scores électoraux face aux partis traditionnellement sociaux-démocrates.

### **D’où la thématique sur le comment gérer cette migration mais surtout comment prévenir même la montée du populisme ?**

Les participants ont relevé que le rôle de la société civile est indispensable et déterminant du moment que le politique devient impuissant sur le terrain. La société civile a la latitude de mener un travail de proximité dans un cadre associatif moins contraignant et plus libre des entraves de procédures bureaucratiques, d’une part. Il est aussi nécessaire de renforcer le dialogue Nord-Sud avec des actions concrètes comme participer au développement des économies des pays d’Afrique, d’où les ressortissants qui migrent, fuyant les guerres et le quotidien difficile, au péril de leur vie, d’autre part.

Plusieurs participants des pays du Sud ont demandé à ce que l’on fasse un distinguo entre les migrants poussés par la misère et ceux qui ont quitté leurs pays et leurs maisons à cause de la guerre (Syrie, Irak, Libye...) qui n’est qu’une migration temporelle. Un Syrien n’aurait jamais quitté son pays pour un autre où il se retrouve parqué au milieu de barbelés.

Le représentant du gouvernement algérien, qui est intervenu, a relevé l’absence des représentants de la société civile dans les délégations des pays membres de l’UE comme il a souhaité la présence des jeunes et des femmes pour que le dialogue sorte des arcanes politiques étroits.

### **De Lisbonne : Abrous Outouder**

--

### **Algeria Press Service**

<http://en.aps.dz/algeria/18813-north-west-dialogue-algeria-committed-to-contributing-to-dialogue-s-strengthening>

### **North-South Dialogue: Algeria committed to contributing to Dialogue’s strengthening**

04/06/2017



ALGIERS- Algeria's commitment to sparing no effort to strengthen North-South Dialogue to deal with the common challenges, in an inclusive, comprehensive and responsible framework, has been reiterated in the 23<sup>rd</sup> Forum of Lisbon on consolidation of North-South Dialogue, in which Algeria was represented by the director of the Cooperation with the European Union and European Institutions at Foreign Affairs Ministry Ali Mokrani.

For subscribers only.

--

**El Moudjahid**

<http://www.elmoudjahid.com/fr/actualites/109856>

## **Dialogue Nord-Sud : Faire face aux défis**

05/06/2017

Promouvoir les « mesures de confiance » Nord-Sud



D.R

**L'engagement de l'Algérie à ne ménager aucun effort pour renforcer le Dialogue Nord-Sud à même de faire face aux défis communs dans un cadre inclusif, compréhensif et responsable a été réitéré, lors du 23e Forum de Lisbonne sur le renforcement du Dialogue Nord-Sud, durant lequel l'Algérie a été représentée par le directeur de la Coopération avec l'Union européenne et les institutions européennes au ministère des Affaires étrangères, Ali Mokrani.**

Le Forum de Lisbonne, tenu, il y a deux jours, à Lisbonne sur le thème : «Interconnecter les personnes, gérer les migrations, prévenir le populisme, construire des sociétés inclusives et renforcer le dialogue Nord Sud», a coïncidé avec l'approbation à l'unanimité par le Conseil des ministres du Conseil de l'Europe de la demande d'adhésion de l'Algérie à son organe. M. Mokrani a saisi cette opportunité pour réitérer l'engagement de l'Algérie à «ne ménager aucun effort pour apporter une contribution pleine, effective et constructive au renforcement du Dialogue Nord-Sud».

Après avoir dressé le constat d'une situation «alarmante» qui trouve son explication partiellement ou dans sa globalité dans «les ignorances, les préjugés, les peurs réciproques, accentués par les images tragiques de l'actualité, véhiculées par les médias et entretenu par la précarité sociale», le diplomate algérien a estimé que «c'est la raison pour laquelle le Nord et le Sud devraient œuvrer de concert pour trouver s'entendre sur des éléments de langage et les moyens nécessaires pour faire face aux défis communs afin de faire prévaloir un agenda positif dans le cadre d'un Dialogue inclusif, compréhensif, responsable et respectueux de l'éthique, des valeurs humaines et des intérêts mutuels».

Pour M. Mokrani, le Dialogue Nord-Sud «revêt un intérêt capital pour l'avenir de nos peuples et répond à une impérieuse nécessité qui vise à avancer un agenda commun basé sur l'éthique et les idéaux de la paix, de l'équité, du vivre ensemble, de la stabilité, du développement, de la démocratie et des droits de l'homme». Il a, dans ce sens, souligné l'importance du dialogue pour se mettre d'accord sur les questions et enjeux d'intérêt commun, pour une meilleure appréhension des défis collectifs au service de la stabilité et de la prospérité partagée de notre voisinage.

«L'objectif étant de faire face aux défis communs par des efforts collectifs Nord-Sud en apportant des réponses concertées communes, en vue de construire des sociétés inclusives et interdépendantes.

Il s'agit d'encourager la solidarité, de promouvoir l'interdépendance et un partenariat gagnant-gagnant entre le Nord et le Sud», a-t-il indiqué. Ainsi, pour M. Mokrani, «le Dialogue Nord-Sud

ne devrait pas se limiter uniquement au Dialogue entre les gouvernements, mais ses acteurs devraient être élargis à toutes les parties prenantes, en impliquant la société civile sous toutes ses formes (associations, fondations, réseaux ), les citoyens, particulièrement les jeunes et les femmes qui doivent voir leur rôle consolidé dans la société, les représentants et élus des peuples (parlementaires, maires), les autorités régionales et locales, les universitaires et les opérateurs du Monde économique». De même, le Dialogue, a-t-il ajouté, «devrait être transversal, participatif, inclusif et compréhensif de tous les domaines d'intérêt commun entre le Nord et le Sud.

Il devrait être solidement ancré et façonné par l'éthique, le sens de justice et d'équité, et la solidarité à la hauteur des aspirations des peuples».

### **Promouvoir les « mesures de confiance » Nord-Sud**

Dans le cadre de la lutte contre l'extrémisme et la radicalisation et parvenir à un consensus autour d'un Agenda positif Nord-Sud, M. Mokrani a estimé impératif de «promouvoir les mesures de confiance à travers la circulation des idées, des personnes et des biens dans le cadre d'une relation fondée sur le respect mutuel, la richesses de la diversité, la solidarité et l'équilibre des intérêts». «Nous devrions favoriser la circulation des idées, promouvoir la communication et l'échange d'informations et la connaissance mutuelle entre nos citoyens», a-t-il soutenu. Dans ce contexte, selon M. Mokrani, les médias occupent et jouent un rôle fondamental en tant qu'outils devant véhiculer les idées positives de rapprochement et de convivialité, soulignant également leur rôle dans la déradicalisation et la lutte contre les dérives portées par certains courants négatifs de pensée qui constituent le terreau du terrorisme et du crime organisé transfrontalier. «Il s'avère indispensable de comprendre les points de vue divergents et de les faire connaître pour dépasser et éliminer les stéréotypes. Il est aussi primordial de valoriser les héritages culturels communs, marginalisés ou oubliés et de soutenir également le dialogue des religions. Se connaître mutuellement est essentiel pour favoriser un dialogue ouvert, franc et constructif entre les peuples du Nord et ceux du Sud», a ajouté le responsable. En matière d'enrichissement culturel et éducatif,

--